

O DESFRALDAR DAS BANDEIRAS: AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO RIO DE JANEIRO E SUAS TERRITORIALIDADES NO ENTORNO DO ESTÁDIO DO MARACANÃ.

Rafael da Silva Nunes¹
Graduando em Geografia
Ex-Bolsista do grupo PETGEO PUC-Rio
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
rsngeo@hotmail.com

Resumo

Atualmente, o futebol pode ser percebido como um evento inserido na sociedade espetáculo, não estando restrito apenas a prática esportiva em si. No entanto, ao longo da história do futebol, inúmeras instituições foram sendo criadas com o objetivo de unir torcedores de uma mesma entidade (ou clube), dando origem as atuais Torcidas Organizadas. Muitas destas instituições, ao incorporar o fanatismo de seus torcedores, assim como posicionamentos político-ideológicos, acabaram por criar rivalidades, assim como laços de cooperação entre as mesmas. Entretanto, pode-se perceber de forma cada vez mais acentuada o transbordamento da rivalidade para a violência praticada por estes grupos. Com isso, verifica-se um enorme esvaziamento de público nos estádios de futebol no Brasil, o que acaba por impactar em uma série de problemas para a sociedade de uma forma geral. É de fundamental importância destacar a singularidade assumida pela cidade do Rio de Janeiro sobre tal problemática, já que o Estádio do Maracanã acaba por receber os jogos das quatro principais equipes da cidade, o que complexifica as relações entre as torcidas de jogo para jogo. Assim, este trabalho visa compreender a territorialidade destas torcidas em dias de grandes jogos, para que se propicie rotas de segurança para os torcedores, assegurando desta maneira, melhores condições sócio-econômicas para a sociedade carioca.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas, Territorialidade, Estádio do Maracanã, Futebol

LE DÉPLOYER DES DRAPEAUX: LES GROUPES DE SUPPORTTEURS ORGANISÉES DE RIO DE JANEIRO ET SES TERRITORIALITÉS AUTOUR DU STADE DU MARACANÃ.

Résumé

Actuellement, le football peut être perçu comme un événement faisant partie de la société spectacle, n'étant pas seulement restreint à la pratique sportive en elle-même. Néanmoins, tout au long de l'histoire du football, d'innombrables institutions ont été créées avec l'objectif d'unir des supporters d'une même identité (ou club), étant à l'origine des actuels Groupes de Supporters Organisés. Beaucoup de ces institutions, en prenant en compte le fanatisme de leurs supporters ainsi que leurs positionnements politico-idéologiques, ont fini par créer des rivalités, mais aussi des liens de coopération entre elles mêmes. Néanmoins la rivalité de plus

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr João Rua, pertencente ao quadro docente do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

en plus grande entre ces groupes peut être mesurée par la violence pratiquée. Cela se vérifie par l'énorme absence de public dans les stades de football au Brésil, ce qui finit par se répercuter dans une série de problèmes au sein de la société d'une manière générale. Il est important de remarquer la singulière proposition de la ville de Rio de Janeiro face à une telle problématique, en recevant au Stade du Maracanã, les match opposant les quatre principales équipes de la ville, ce qui a complexifié les relations entre les supporters de partie en partie. Ainsi, ce travail vise à comprendre la territorialité de ces supporters les jours de grands match, afin de rendre propice des itinéraires de sécurité pour les supporters, assurant de cette façon, de meilleures conditions socio-economiques pour la population originaire de Rio de Janeiro.

Mots-clés : Groupes de Supporters Organisés, Territorialité, Stade du Maracanã, Football

Introdução

“Trinta minutos antes do pontapé inicial, os Ultras Bad Boys tinham agrupado silenciosamente seus membros mais fortes num canto do estádio, perto de algumas árvores. Cada um levava uma barra de ferro ou um porrete de madeira. Assumiram a formação em V e começaram a abrir caminho violentamente pelo estádio, batendo em todos que estivessem pela frente. Primeiro atacaram a torcida visitante. Depois, lançaram-se violentamente sobre um grupo de policiais. O ataque foi tão rápido que nem a polícia, nem os torcedores do Partizan tiveram tempo de reagir. No seu caminho, deixaram fileiras de vítimas, como o rastro recente de um cortador de grama”.

(FOER, 2005, p. 16)

Futebol: esporte apaixonante que cada vez mais assume a condição de modalidade mais praticada no globo. Modalidade esta que ao longo dos tempos assumiu um caráter que não se limita apenas à prática esportiva, assumindo também caráter político, econômico, cultural e até mesmo social. Isto pode ser afirmado pois cada vez mais se percebe a intensificação das negociações (compra e venda de passes de jogadores e negociações políticas para sediar determinados eventos futebolísticos, já que os mesmos significam ganhos financeiros), dinamizando por sua vez a economia em diversas escalas de análise. Desta maneira, Jesus (2001, p.4) demonstra que o futebol vem se tornando sinônimo de lucratividade em diversos países, já que “se configura no mundo atual como uma poderosa indústria, a movimentar anualmente quase U\$300 bilhões com perspectivas de crescimento exponencial, enquanto a FIFA congrega um número maior de países do que a própria ONU”.

Fiengo (2003) também assume a existência da perspectiva política, cultural e econômica no futebol, porém, afirma que a essência esportiva estaria

deixando de ser uma prática lúdica para assumir uma condição voltada para a indústria do entretenimento. O autor afirma também que esta transformação do esporte ainda proporciona problemas referentes à alienação do trabalho e expropriação do tempo livre das pessoas. Porém, é importante destacarmos que o caráter social assumido pelo futebol não pode ser reduzido apenas à sua perspectiva econômica, como será analisado mais adiante.

Para Pimenta (2003, p.41) os movimentos coletivos funcionam como resposta aos acontecimentos e frustrações cotidianas acerca das próprias condições de vida das pessoas, refletidas pela progressiva fragmentação espacial e social, tipicamente oriundas das economias baseadas no capitalismo. Desta maneira o autor demonstra que com o

“encaminhamento das políticas públicas pelo Estado Militar brasileiro, viu-se o esvaziamento do sujeito social, no sentido coletivo do termo, e a desarticulação das relações na esfera do público, reforçando as individualizações e as atomizações dos movimentos sociais, incluindo os movimentos de jovens e transformando-os em acontecimentos ora de busca de pertencimento ora de auto-afirmação, onde a violência norteia a constituição da identidade e das identificações dos membros desses grupos”.

Verifica-se assim uma simultaneidade dos acontecimentos surgidos durante os Governos Militares e o crescimento numérico das torcidas organizadas no Brasil (apesar de que estas já começavam a surgir a partir da década de 40). Isto quer dizer que com a progressiva falência estatal face às necessidades e demandas da população, os movimentos sociais passam a representar uma base coesa que visa reunir aqueles que lutam por uma mesma ideologia. As torcidas organizadas de futebol surgem com o intuito de se auto-afirmar dentro de uma sociedade que promove a individualização ao invés do pertencimento coletivo. Pimenta (2003) afirma desta forma que passa a ser inédito o “movimento social de jovens em torno de uma organização que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano,

amoldando o comportamento dos inscitos que se apropriam da violência verbal ou física como forma de expressão e de visibilidade”.

Esta falência estatal, que na realidade está diretamente relacionada com o poder assumido pelo capital, acaba por repercutir na criação e fortalecimento destes grupos ao redor do mundo. Basta pensarmos na questão da crescente violência durante a década de 90 nas cidades européias com a expansão dos chamados “hooligans”. Isto porque o progressivo esvaziamento de indústrias e empresas (atraídas por maiores e melhores condições de crescimento e lucratividade em outros países e regiões) acaba por desestabilizar a unidade familiar através da perda do emprego e da figura patriarcal, utilizando a violência como alternativa para a reafirmação de sua própria masculinidade.

Ramos (1988, p.23)² defende a idéia de que o futebol acaba por ser utilizado pelo Estado como aparelho ideológico, já que “reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas” e “mistifica as relações de produção, legitimando o capitalismo”. De acordo com o autor, o futebol possui a serventia para a classe dominante de manobrar ideologicamente a massa de trabalhadores que passam a se ocupar com este entretenimento, esquecendo-se das discrepâncias sociais e econômicas existente na sociedade.

Torna-se importante, no entanto, apontar a existência de outras formas de análise acerca da violência, já que se critica que a posição colocada anteriormente poderia deturpar a análise pois a violência se restringiria a uma condição de empobrecimento da população, baseada no escapismo e fugacidade da realidade³. Porém, torna-se inegável que a violência acaba por se tornar produto da progressiva fragmentação espacial e social vivenciada

² Em seu livro *Ideologia do Poder* (1988), o autor demonstra como o esporte possui funções subliminares que acabam por interferir diretamente na sociedade e na organização política e econômica da mesma, utilizando-se de diversos meios de informação para a difusão da ideologia capitalista, como jornais, rádio e televisão.

³ MONTEIRO (2003), por exemplo, trata a violência a partir de “um tipo de comportamento que privilegia o confronto violento, a agressividade viril e sobretudo a demonstração da superioridade física sobre o outro”, o chamado “etos guerreiro”. Desta forma, a violência não estaria relacionada a diferenciação sócio-econômica da sociedade e sim à necessidade de afirmação da masculinidade sobre o outro indivíduo.

pelas sociedades tendo em vista as discrepâncias econômicas, refletindo-se por sua vez no progressivo aumento da taxa de criminalidade de diversas cidades no mundo.

As torcidas organizadas cada vez mais adquirem uma importância no cenário futebolístico já que intervêm diretamente no cotidiano vivenciado pelos clubes. Isto pode ser percebido através do exemplo que ocorreu no C. R. Flamengo, quando três pessoas⁴ ligadas a Torcida Jovem do Flamengo passaram a fazer parte do quadro de dirigentes do clube, legitimando desta forma uma articulação política entre clube e torcida organizada . Ou seja, as torcidas passaram ao longo dos anos a ter representação na vida política dos clubes⁵, o que pode fragilizar a relação entre a diretoria e determinada facção que acaba por não possuir favorecimentos em detrimento de outras torcidas organizadas do mesmo clube.

Além das dimensões sociais e econômicas colocadas acima, é importante trabalharmos o futebol a partir de sua importância simbólica, que acaba por permear diversas instâncias deste esporte, desde o jogo em si, até o caráter passional adquirido pelos torcedores. Este caráter passional, no entanto, por muitas vezes não permite o reconhecimento do outro (ou quando reconhecido, este é tratado como inferior) como membro de sua própria sociedade, desarticulando assim o próprio sentido de sociedade civil. A violência é assim utilizada como meio de expressão e de superioridade própria sobre o outro, o que acaba por trazer inúmeras conseqüências econômicas, sociais, culturais e políticas para diversas entidades e instâncias do esporte.

Objetivo

A violência, cada vez mais presente no cenário futebolístico mundial, passa a possuir maior atenção daqueles que são direta e indiretamente ligados

⁴ Estas pessoas eram conhecidos como “dirigentes amadores” e participaram da política do clube durante a gestão do presidente Edmundo Santos Silva entre 1999 e 2001.

⁵ Vale lembrar que o torcedor afiliado à determinada torcida organizada, não é necessariamente afiliado ao clube, assim como, os sócios do clube (que possuem o título de sócio-proprietário do clube) não são necessariamente afiliados às torcidas organizadas.

ao futebol, sejam por serem torcedores, jogadores, jornalistas, ou apenas por residir e freqüentar áreas nas quais o futebol possua grande valor simbólico, tais como estádios de futebol.

Desta forma, o presente trabalho visa analisar as territorialidades das torcidas organizadas de futebol no entorno do estádio do Maracanã⁶. No entanto, torna-se importante destacar que o estudo sobre estas torcidas no Rio de Janeiro acabam por possuir uma singularidade no cenário brasileiro. Isto porque o estádio do Maracanã não pertence à nenhuma equipe (sendo administrado pela Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro, a SUDERJ), recebendo no entanto, jogos dos quatro grandes times do estado do Rio de Janeiro, sendo eles Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama⁷ e o Fluminense Football Club. Belo Horizonte aproxima-se a esta realidade por possuírem mando de campo no estádio do Mineirão dois clubes de futebol. Do restante dos clubes da primeira divisão do futebol nacional a grande maioria possui estádios próprios.

Toledo (1996, p.40) afirma que os clássicos podem “até mesmo alterar regras rotineiras de convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reordenados, reapropriados e mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas”. Desta maneira, percebe-se a complexidade assumida no entorno do Estádio do Maracanã, face outros estádios brasileiros, já que diferentes torcidas organizadas de diferentes clubes da cidade, convivem e se relacionam no mesmo espaço.

⁶ O chamado no presente artigo de “entorno do estádio do Maracanã” na realidade é o entorno do complexo esportivo do Maracanã, já que o estádio do Maracanãzinho (que atualmente sedia competições esportivas de outras modalidades) e o estádio Célio de Barros (que sedia competições voltadas para o atletismo) são o outras estruturas esportivas que integram, juntamente com o Estádio, o complexo.

⁷ O Clube de Regatas Vasco da Gama possui o Estádio São Januário, sendo o maior estádio privado do Rio de Janeiro. Apesar de possuir uma capacidade atual de 35.000 torcedores, o estádio não é utilizado para a realização de grande parte dos “clássicos” cariocas, ou de jogos que envolvam uma torcida superior à capacidade do estádio.

Ora, assim torna-se fundamental analisar e compreender as territorialidades das torcidas organizadas do futebol do Rio de Janeiro no entorno do Estádio do Maracanã em dia de grandes jogos, para que seja possível determinar rotas de segurança para os torcedores que desejam evitar a violência entre as torcidas organizadas (sendo também adicionadas à esta análise, as principais zonas de conflito entre as torcidas organizadas).

A implementação destas rotas de segurança visariam assim uma recuperação das atividades econômicas existentes no entorno do estádio através do aumento de fluxo propiciado pelo retorno do público aos eventos esportivos realizados no estádio, “revitalizando” assim o próprio bairro do Maracanã. Além disso, poderia contribuir para uma valorização dos imóveis no entorno do estádio. O que se percebe desta forma, é que a diminuição da violência torna-se fundamental para o aumento da arrecadação financeira, refletindo-se para diversos beneficiários (inclusive os clubes do Rio de Janeiro). Além disso, o estádio poderia arrecadar mais com os serviços oferecidos dentro do estádio e através do incremento do turismo no bairro do Maracanã.

Metodologia

A abordagem teórico-metodológica utilizada para a realização do presente trabalho é pautada na proposta de Haesbaert (2004) que percebe o território a partir de inúmeras vertentes analíticas, que acabam por se superpor dentro de um mesmo espaço, sendo manifestadas de diferentes formas e intensidade, acarretando assim em uma interação (e até mesmo sinergia) entre diversas instâncias territoriais (sejam elas na perspectiva materialistas, ou na perspectiva idealista). Desta forma, no presente artigo, buscar-se-á através das concepções naturalista, econômica, política e cultural perceber a dinamização e como as torcidas organizadas se apropriam de determinados espaços, criando assim, suas territorialidades.

Machado (1977) também afirma que o território e suas diversas territorialidades acabam por se manifestar de diversas formas no espaço, e

assim acabam por contribuir para a percepção dos temas já abordados pela Geografia a partir do momento em que cada vez mais elementos passam a ser adicionados às discussões, enriquecendo assim a análise das relações espaciais. A autora afirma assim que:

“desde a introdução da noção de territorialidade em Geografia , é possível notar as diferentes acepções que o termo assumiu. Emergindo com um forte conteúdo naturalista vinculado ao comportamento animal, sendo incorporado e desenvolvido a partir de uma ótica relacionada a esfera de produção e da política nacional, tornando-se importante hoje pela possibilidade de englobar a perspectiva cultural...”.

Também existe a necessidade da existência de uma relação de poder entre indivíduos, entre um grupo social ou entre instituições e entidades para que se qualifique determinado espaço como território. Ora, desta forma perceberemos os diferentes territórios existentes no entorno do estádio do Maracanã a partir da co-existência do poder formal, que surge com a participação efetiva do Estado através de instituições como a Polícia Militar e a Polícia Civil como será analisado posteriormente, e as torcidas organizadas, que passam a estabelecer relações de poder (mesmo que informais perante o Estado) e se estabelecem territorialmente através de inúmeras representações.

A análise acerca das relações de poder acaba por contribuir assim para a proposta de análise oferecida por Haesbaert (2004) sobre a política assumida no território. Isto porque se torna evidente que as tensões surgidas entre as torcidas organizadas não podem surgir, sem que seja percebida a interação das mesmas com o restante dos indivíduos, grupos e instituições que participam do mesmo espaço que compõe o território das torcidas organizadas.

Fica evidente a complexidade assumida por tal discussão já que o conceito passa a assumir divesas funções. Também torna-se importante destacar que a ênfase de determinada perspectiva na análise territorial, como as que foram apresentadas anteriormente, podem influir diretamente na

análise, não abarcando assim a totalidade dos processos existentes no mesmo espaço.

Para os procedimentos práticos do presente artigo, foram selecionadas 5 torcidas organizadas de futebol da cidade do Rio de Janeiro, sendo elas: Raça Rubro-Negra, Fúria Jovem do Botafogo, Força Jovem do Vasco, Young Flu e Torcida Jovem do Flamengo. Faz-se necessário no entanto apontar que foram selecionadas 2 torcidas do C. R. do Flamengo, pois este é o único clube na cidade que possui 2 torcidas organizadas de grandes proporções e que são rivais uma da outra.

Também foram realizados inúmeros trabalhos de campo no dia da realização de clássicos no estádio a partir de Setembro de 2005, com o intuito de perceber as relações espaciais existentes no entorno do estádio, assim como o comportamento das torcidas organizadas e a dinâmica dos seus principais locais de concentração.

As diversas acepções do Território: complexidade para a totalidade

Como visto de maneira breve anteriormente, percebe-se que o conceito território é extremamente rico em relação à sua utilização e até mesmo em relação à sua própria definição. Desta maneira, o conceito acaba por se tornar algo profundamente abrangente sendo trabalhado de diferentes maneiras por diferentes áreas do conhecimento. Segundo Haesbaert (2004, p.37):

“Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza, a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada a concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (...); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo”.

Desta forma, a análise da territorialidade das torcidas organizadas (independente do recorte espacial) não pode ser restrita aos aspectos econômicos, ou sociais, ou políticos ou culturais que qualificam o território, e sim ser um resultado sinérgico das interações destas instâncias.

Como dito anteriormente, entender as relações de poder existentes em um território é essencial para a análise, pois acaba por repercutir diretamente na concepção política do território. Isto porque, de acordo com a visão Ratzeliana, haveria a necessidade de uma entidade (no caso proposto por Ratzel e até mesmo no presente trabalho, o Estado) para possibilitar o desenvolvimento social, econômico, político e cultural de determinado espaço. Ora, Haesbaert (2004, p.67) diz-nos que “Gottman, reconhece a importância de um “cimento sólido” a unir os membros de uma comunidade política”, o que representa a necessidade de um pensamento pautado na ordenação territorial para a afirmação, consolidação e estabelecimento do poder formal e oficial, representados no presente trabalho pela polícia civil e militar, pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro⁸ em determinado espaço. Desta maneira, torna-se importante verificar que mesmo historicamente, o conceito possui vínculos com a capacidade e autoridade em relação à determinada parcela do espaço. Isto é verificado quando se percebe que em sua origem, a palavra era “utilizada pelo sistema jurídico romano dentro do chamado *jus terrendi* (...), como pedaço de terra apropriada, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político-administrativa” (HAESBAERT, 2004, p.43). Esta expressão por sua vez estaria relacionada ao “direito de aterrorizar”, o que demonstra que era um direito concedido e de liberdade sobre quaisquer indivíduo e sobre quaisquer acontecimento.

Percebe-se a presença assim de uma territorialidade legitimada pelo Estado e que ao mesmo tempo passa a ser permeada por diversas outras que

⁸ O Estádio Jornalista Mário Filho, vulgo Estádio do Maracanã, é de responsabilidade administrativa do Governo do estado do Rio de Janeiro, e por esse motivo, afirmamos a responsabilidade (seja ela social, política e econômica) do Estado do Rio de Janeiro para com o Maracanã.

não o são. Surgem assim, diversos ícones, gestos e símbolos que passam a produzir diversas sensações sobre a “apropriação” de determinada parcela do espaço. Ora, neste caso, percebe-se a interação da perspectiva materialista com a perspectiva idealista do espaço, já que tais representações de determinados grupos não precisam ser necessariamente visíveis ao restante da sociedade. Quando percebemos as torcidas organizadas territorializando-se no entorno do estádio, não é apenas a presença da bandeira, das cores e da camisa de determinado clube que demonstram a territorialidade das torcidas, mas os gestos, os cânticos entoados pelas mesmas e até mesmo a ideologia política das facções contribuem para a determinação das territorialidades.

Segundo Garcia (1996 apud Haesbaert 2004, p.69), “o território é considerado como um signo cujo significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve”. Estes códigos, como os descritos acima, contribuem para uma cristalização da identidade coletiva e que demonstram por sua vez a afetividade de um grupo social em relação ao seu território. Estes símbolos acabam por adquirir um alerta para aqueles que não pertencem ao grupo responsável e até mesmo para aqueles que não compreendem a importância e o significado de tais símbolos.

Segundo Bonnemaizon e Cambrezy (1996 apud Haesbaert 2004, p.72), “o poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico”. Exemplo desta acepção simbólica adquirida pelo território das torcidas organizadas é o depoimento do torcedor vascaíno tratado no presente artigo apenas como A.⁹:

“Eu saí de casa com a camisa do Vasco a caminho de uma lanchonete. Mesmo estando do outro lado da rua, ao passar por um bar, que fica aqui na Rua Marquês de Abrantes, fui ameaçado por torcedores uniformizados do Flamengo. Reparei uma pichação adjacente ao bar que dizia “Torcida Jovem do Flamengo”. Como não queria sofrer nenhum dano físico, roubo ou nenhum tipo de

⁹ Entrevista realizada no dia 25 de março de 2007, durante a partida entre Vasco da Gama e Flamengo.

humilhação, evitei o caminho na volta. Agora quando escuto falar em Torcida Jovem do Flamengo associo automaticamente à algum tipo de crime ou ameaça e prefiro evitar qualquer tipo de contato ou proximidade com indivíduos que se assumam ou associem de qualquer forma com a torcida.”

Percebe-se desta forma que símbolos como pichações acabam por representar a qual grupo pertence determinado território, anulando inclusive o direito à liberdade do indivíduo que não pertence ou não conhece determinada simbologia. Ora, outro exemplo a ser citado era a presença da sede da Torcida Jovem do Botafogo no Edifício Rajah na Praia de Botafogo e que se mostrava presente ao colocar camisas (possivelmente adquiridas em conflitos) da Torcida Jovem do Flamengo nas grades do portão do prédio, o que demonstrava a presença e a ação da torcida no local.

A corrente naturalista, apesar de ser importante para o entendimento biológico de posseção dos grupos sociais sobre determinados recursos existentes no espaço, não podem ser utilizados para determinar a territorialidade das torcidas organizadas. Isto porque inúmeras outras categorias se fazem presente na sociedade (como as já citadas anteriormente) e que acabam por complexificar as relações entre grupos sociais e seus respectivos territórios. Apesar de muitos autores apontarem a corrente naturalista como definidora do surgimento dos diversos territórios na sociedade, chegando por vezes à igualar o ser humanos aos outros animais, ela não pode ser negligenciada. Haesbaert (2004, p.57) aponta que

“na maior parte dos lugares, estamos bem distantes de uma concepção de território como “fonte de recursos” ou como simples “apropriação da natureza” em sentido estrito. Isto não significa, contudo (...), que essas características estejam superadas. Dependendo das bases tecnológicas do grupo social, sua territorialidade ainda pode carregar marcas profundas de uma ligação com a terra, no sentido físico do termo”.

Neste sentido, é que mais uma vez torna-se evidente a necessidade de adicionar outros elementos à discussão acerca das territorialidades das torcidas organizadas (como os apontados anteriormente) para que desta

maneira se consiga analisar tais territorialidades a partir de uma perspectiva mais complexa e como consequência

O Desfraldar das Bandeiras

Para que se inicie a discussão acerca da territorialidade das torcidas organizadas, torna-se necessário perceber como os símbolos contribuem para o estabelecimento relações de poder entre as diversas torcidas organizadas e também como estes símbolos são utilizados para a propagação da violência.

Desta maneira, inicialmente perceberemos como os cânticos de guerra passam a estabelecer a afirmação das torcidas como superiores as outras, promulgando o terror e a difamação da torcida adversária. Toledo (1996, p.60) afirma que a bateria das torcidas organizadas acaba por ser responsável pelo “suporte sonoro” e pelas manifestações que apóiam o time e que degradam o adversário. Neste sentido, pode-se pensar que a bateria passa a desempenhar um papel extremamente importante para o próprio comportamento da torcida organizada, já que através de hinos e cânticos (símbolos não materiais), passa a inflamar o restante dos torcedores (organizados ou não) que passam a desfraldar bandeiras, compartilhar coreografias, entre outras manifestações (símbolos materiais). Ora, o autor afirma que os torcedores passam a participar ativamente do espetáculo já que “(...) há toda uma expressividade corproal posta a prova, que traduz um êxtase contínuo, (...), exigindo sempre dos torcedores organizados uma garre que transcende a posição de meros espectadores da partida”.

A linguagem coletiva passa a ser o único modo de estabelecer (na grande maioria das vezes) informações das torcidas para árbitros, jogadores, técnicos e para as torcidas adversárias, e de modo, afirma-se a importância do som para o espetáculo. A emoção e o sentimento acabam por se misturar no pensamento coletivo, sendo estimulados principalmente pela torcida organizada. Ora, os gritos normalmente são conduzidos pelos chamados

“chefes de torcida”¹⁰, que passam através de gestos ou gritos, informações para o restante da bateria, que acabam por reproduzir determinado cântico.

Para demonstrar que os cantos das torcidas organizadas traduzem a violência e as relações de poder existentes entre as mesmas, alguns exemplos serão citados para que se perceba a necessidade de intimidação do outro através da auto-afirmação própria. Assim, temos:

- Young Flu (TYF)

“Nós somos guerrilheiros. Sozinho mato mil. Sou da Young Flu, a mais temida do Brasil”

- Raça Rubro-Negra (RRN)

“Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra”

- Fúria Jovem do Botafogo (FJB)

“Já sei espancar, a Raça Rubro Negra não deu nem pra começar. A Young correu, mas fora do Maraca a Jovem-Fla que se fudeu. Não tenho paciência pra essa young-flu! Torcida de viado e que dá o cú. Eu sou de ninguém, eu sou da Fúria Jovem e minha torcida é nota cem!”

- Força Jovem Vasco (FJV)

“Força Jovem, reposição, pra dispersar a multidão. Força Jovem em movimento pra dispersar o “bem” nojento. Acima de tudo, abaixo de nada. Força Jovem Vasco. Eu sou da Força Jovem eu sou, vou dar porrada eu vou e ninguém vai me segurar, nem a PM”

- Torcida Jovem do Flamengo (TJF)

“Ataca, massacra, impõe o seu valor. Não tem medo da morte. Aos inimigos causa horror. Nós somos da Jovem. Nosso lema é vibração. Estamos sempre prontos a cumprir qualquer missão. Saddam Hussein! Saddam Hussein”

Ao analisar alguns cânticos, logo se percebe a necessidade de auto-afirmação de cada torcida sobre o outro, ou seja, o pertencer à determinado grupo acaba por pressupor a submissão do outro, o que acaba por alimentar as relações de poder. Além disso, percebe-se claramente que perde-se qualquer valor dado à vida humana, o que culmina promulgação e da banalização da violência. A música selecionada da TJF inclusive coloca o nome do ex-ditador

¹⁰ Fato curioso é comparar as torcidas organizadas brasileiras que são regidas através de sons e gestos do seu respectivo “chefe”, enquanto na Europa, os “chefes” utilizam megafones para transmitir aos seus comandados o cântico à ser cantado em determinado momento.

iraquiano como símbolo de destruição, o que pode acabar por ser utilizado como analogia do poder da torcida organizada, face o poderio militar do Iraque.

Além dos cânticos, cores, bandeiras, ícones e até o próprio nome das torcidas organizadas são utilizados também para promover sua auto-afirmação através da utilização de representações que remetem à violência. Neste sentido, as torcidas ao utilizar as palavras “Força”, “Jovem”, “Raça” e até mesmo “Young”¹¹, demonstram a virilidade, energia e disposição existentes para o apoio aos respectivos clubes. Além disso, os símbolos de cada torcida organizada procuram intimidar os torcedores adversários a partir, novamente, da utilização da violência. Assim, a Raça Rubro-Negra demonstra seu tamanho e força ao se apropriar de um logo que se baseia em um punho cerrado no território brasileiro; a Força Jovem Vasco remetendo às tradições portuguesas da navegação e à Vasco da Gama sendo guiados por um monstro chamado Edward¹²; a Fúria Jovem do Botafogo com as inscrições “Ética, Respeito e Atitude”, que acaba por demonstrar o posicionamento ativo que a torcida assume junto a si mesmo e perante os adversários; a Young Flu demonstrando a disposição ao citar “Até morrer”; e por fim a Torcida Jovem do Flamengo que se apropria de um tanque de guerra de três “bocais” para demonstrar força e poder.



¹¹ Tradução: “jovem” do inglês para o português.

¹² Este monstro é o símbolo da banda inglesa de heavy metal Iron Maiden.

Figura 1 – Logos das torcidas organizadas utilizadas no presente trabalho
(fonte: elaboração própria)

Percebe-se assim que as torcidas organizadas passam a fazer uso dos símbolos para se auto-afirmar como torcida dominante sobre outra, fazendo com que isso contribua novamente para o estabelecimento das territorialidades existentes.

No entanto, os simbolismos não se resumem apenas à determinados grupos sociais que fazem transparecer suas posições através de gestos materiais ou imateriais. Diversos órgãos estaduais e federais (que são responsáveis pelas decisões políticas do esporte), assim como a própria FIFA acabam por assumir determinadas posições que refletem-se diretamente em outros agentes do esporte. Ora, a FIFA acrescentou ao livro de regras do jogo uma medida que proíbe os jogadores de comemorar seus gols exibindo mensagens com conteúdo político, religioso ou pessoal (FIFA, 2007). Desta forma, a Federação se resguarda de eventuais posições religiosas, políticas ou pessoais, que possam gerar descontentamento e até mesmo violência na sociedade¹³.

¹³ Isto é facilmente percebido na relação entre futebol e sociedade européia. Isto porque muitos clubes surgiram a partir da ideologia política ou religiosa de seus afiliados. Caso a ser citado é campeonato escocês, no qual os dois maiores times dividem-se entre Celtic, considerado um time de católicos, e o Rangers F. C., considerado um time de protestantes. Outro caso, refere-se à cidade de Belgrado (capital da Sérvia) no qual os dois maiores times dividem-se entre o Partizan e o Estrela Vermelha, que se rivalizam historicamente a partir de divergências política.

Segundo Costa (2005, p.15):

“Tudo no futebol manifesta sua natureza simbólica. Podemos começar por sua estrutura espaço-temporal, o cenário em que o jogo se desenrola: os estádios. Lugares muito significativos atualmente, são vistos como símbolos de importância e grandeza de um país. Antigamente, construíam-se catedrais que exprimiam a imponência das nações. (...) O terreno de jogo é a imagem de nosso espaço social; é onde lutamos para conseguir as vitórias da nossa vida, tanto individual quanto coletiva. O tempo de uma partida de futebol é igualmente fonte de sentido para uma das coordenadas fundamentais de nossa existência: a coordenada temporal. Todo material utilizado no futebol – a bola, os equipamentos, as cores, as bandeiras, etc. – são também elementos carregados de simbolismos.”

À medida que o autor confronta a sociedade com o esporte, os simbolismos, mesmo que sombreados pela nossa capacidade de perceber a realidade (e também em parte pelos exageros do autor), demonstram que o espaço vivido, é entendido e percebido a partir da individualidade do ser.

Ora, a citação nos remete à própria idéia de que os espaços passam a circunscrever diferenciadas apreensões a partir da perspectiva individual, tornando assim a alienação do esporte relativa, ou seja, a forma de percebermos o espetáculo e os simbolismos recai sobre a capacidade individual de reconhecer, interpretar e correlacionar os significados que os mesmos carregam.

Assim sendo, existiriam diferenciadas formas de expressão que culminariam na própria auto-afirmação do indivíduo e uma tentativa de superação de formas de expressão sobre a “alteridade”. Inúmeras são as formas de expressão que passam a existir e que carregam em si a necessidade de superação do momento anterior, e que passam a se proliferar com a disseminação dos meios de comunicação, como a internet por exemplo. Agressões verbais e conflitos são marcados com hora e lugar, transformando o espaço virtual em um outro espaço na qual a afirmação e a participação se faz presente. A disseminação de sites não oficiais das torcidas organizadas contribuem para a disseminação de informações e até mesmo de ações ilegais que necessitam também uma re-organização e uma re-estruturação das

entidades policiais para o combate destes crimes. Exemplos à serem citados são os domínios que disponibilizam fotos de materiais roubados de outras torcidas (como camisas, materiais de percussão e bandeiras), reportagens referentes à confrontos, músicas que degradam adversários e até mesmo fotos de torcedores adversários mortos.

A dimensão cultural e simbólica que o esporte assume acaba então por impactar diretamente no cotidiano da sociedade, vindo a alterar e criar novas relações entre os indivíduos, sejam elas benéficas ou maléficas à sociedade. Neste sentido, Costa (2005, p.15) afirma que:

“A competição e a linguagem esportiva também estão cercadas de simbolismo. Uma partida é tratada e vivida como uma verdadeira “guerra”, e a linguagem utilizada também é permeada de expressões bélicas. Como fenômeno social, o futebol funciona à imagem e semelhança da sociedade; já como fenômeno simbólico, representa o funcionamento dessa mesma sociedade e nos fala da natureza do homem que aí encontra o cenário para a realização do drama de sua existência”.

Maracanã: o espaço do espetáculo e da guerra

Para que se faça uma análise das territorialidades das torcidas organizadas no entorno do Estádio do Maracanã torna-se necessário compreendermos a infra-estrutura atual presente no estádio e que acaba por contribuir para a constante re-territorialização das torcidas no tempo e no espaço. Isto se deve porque, como dito anteriormente, o estádio comporta as 4 grandes torcidas da cidade do Rio de Janeiro, gerando uma re-territorialização constante a medida que determinado jogo passa a ser disputado entre apenas dois times, ou seja, jogos que envolvem diferentes times acabam por resultar em diferentes territorialidades. Além disso, percebe-se que as torcidas começam a se fazer presente no estádio e em seu entorno, aproximadamente uma hora e meia antes e uma hora depois do espetáculo ter se acabado, o que demonstra que o entorno do estádio, em grande parte do tempo, não recebe as torcidas organizadas como definidoras de territorialidades, estabelecendo assim diferentes relações espaço-temporais.

Torna-se também necessário entender a atual estrutura interna do estádio, que acaba por estabelecer fortes vínculos com as territorialidades das torcidas organizadas no exterior do estádio.

O Estádio do Maracanã, construído com o objetivo de ser uma das sedes da Copa do Mundo de 1950, possuía capacidade para receber 155 mil torcedores (apesar de que o maior público presente já registrado ter sido de 183.341 em um jogo da seleção brasileira em 1969)¹⁴, porém a partir de inúmeras reformas para atender a critérios da FIFA para sediar o I Campeonato Mundial de Clubes e da alocação de assentos plásticos nas arquibancas, a capacidade foi reduzida para 100 mil torcedores. Continuaram no entanto a ser efetuadas reformas com o objetivo de aumentar a segurança e o conforto do público, e com as obras finalizadas no anel inferior (área conhecida como as “Cadeiras”) ao final do ano de 2006, o estádio atualmente possui capacidade para cerca de 80.000 mil pessoas.

Assim, o estádio atualmente adquiriu uma nova configuração até então inédita no seu passado. Enquanto o anel superior passa a ser dividido em 6 diferentes setores, o anel inferior passa a possuir 2 setores diferenciados. Porém, as torcidas organizadas se localizam apenas no anel superior das arquibancadas, o que contribui para a análise da distribuição das torcidas organizadas no interior do estádio. Os setores são divididos em cores (o que ajuda para a identificação e também remete as cores da bandeira brasileira, demonstrando mais uma vez uma carga simbólica ao estádio). São 3 acessos para o anel inferior, sendo que um deles é exclusivo para os portadores das cadeiras especiais, cabines de rádio e televisão e tribuna de imprensa, o que restringe o acesso de 44.818 (segundo a SUDERJ¹⁵) pessoas por outras duas entradas. Desta forma, os acessos às arquibancadas do estádio são a Rampa do Belini (localizado junto à Avenida Maracanã) e o outro se dá através da Rampa da UERJ, que se localiza junto a Radial Oeste, tendo como referências

¹⁴ Dados fornecidos pela SUDERJ (Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro).

¹⁵ Informações disponíveis em: <http://www.suderj.rj.gov.br/maracana/>

próximas a estação de Metro do Maracanã e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A existência de apenas dois acessos às arquibancadas do estádio, contribui para o próprio afastamento entre as torcidas antes dos jogos, já que cada torcida passa a possuir sua própria entrada, o que legitima a própria territorialidade da torcida ao fazer com que determinada parcela do espaço seja apropriada pela mesma (apesar de que a polícia militar se faz presente no entorno do estádio, ordenando assim o espaço). Tanto o acesso ao estádio, quanto o lado no qual as torcidas se dispõem no interior do estádio é pré-definido, ou seja, as torcidas antes dos jogos sabem exatamente o acesso a que lhes cabe. Desta forma, pode-se pensar que a relação de poder¹⁶ entre os clubes e as torcidas mais uma vez se faz presente, pois o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama nunca mudam o acesso para o estádio e nem o lado no qual se estabelecem no interior do estádio¹⁷, como demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1: Acessos das torcidas ao estádio e ocupação no interior do estádio
(fonte: elaboração própria)

	Acesso: Rampa do Belini	Acesso: Rampa da UERJ	Lado direito	Lado esquerdo
Botafogo x Flamengo	Flamengo	Botafogo	Botafogo	Flamengo
Botafogo x Vasco	Botafogo	Vasco	Vasco	Botafogo
Botafogo x Fluminense	Botafogo	Fluminense	Botafogo	Fluminense
Fluminense x Vasco	Fluminense	Vasco	Vasco	Fluminense
Fluminense x Flamengo	Flamengo	Fluminense	Fluminense	Flamengo
Vasco x Flamengo	Flamengo	Vasco	Vasco	Flamengo

¹⁶ Apesar de não haver informação palpável para precisar o motivo exato de tal acordamento, pode-se pensar na existência desta relação de poder entre os clubes já que estes possuem as duas maiores torcidas presentes no Estado do Rio de Janeiro.

¹⁷ Para que se estabeleçam critérios de orientação, utilizar-se-á como referência as cabines de rádio e televisão. Desta forma, o lado à esquerda das cabines será considerado como lado esquerdo e o lado direito das cabines será chamado de lado direito.

A partir da tabela, percebe-se que Flamengo e Vasco não alteram em nenhuma oportunidade seus acessos e suas ocupações, restando aos outros dois clubes se adaptar. Ora, isto reflete diretamente no exterior do estádio, já que os pontos de concentração acabam por ser diretamente influenciadas pelo próprio acesso dos torcedores no estádio. Inclusive, há diferenciações quanto os próprios serviços de transporte oferecidos em determinados setores do estádio. Ora, enquanto os acessos da Avenida Maracanã se dão basicamente através de linhas de ônibus e fluxo de automóveis, os acessos da Radial Oeste, além de receber linhas de ônibus e automóveis, se localiza próxima a estação de trem e de metro. No entanto, as territorialidades das torcidas organizadas não se limita ao entorno do estádio mas se faz presente inclusive nos meios de transporte. Ora, a Fúria Jovem do Botafogo inclusive se utiliza de bandeiras nos estádios para demonstrar que a Linha de ônibus 464 (Maracanã-Leblon) “pertence” a ela, ou seja, em dias de jogos (e até mesmo em dias nos quais não se presenciam eventos no estádio do Maracanã) torna-se extremamente perigoso circular com camisas ou símbolos de outros times no ônibus. Ou seja, este poder exercido por determinado grupos social, mesmo que variavel no espaço-tempo começa a adquirir maiores níveis de complexidade por ser difícil a apreensão e o entendimento dos territórios estabelecidos. Porém, Monteiro (2003, p.79) afirma que os torcedores organizados passam inclusive à pensar novas estratégias de chegada ao estádio. Neste sentido, o autor afirma que:

“os torcedores organizados tendem a evitar os meios de transporte públicos, preferindo alugar kombis e ônibus alugados não só por medida de segurança, mas também para garantir a coesão do grupo, pois a caminho do estádio eles podem reforçar suas relações de amizade, cantar seus hinos de guerra e discutir táticas de combate ou fuga no caso de toparem com torcidas organizadas rivais.”

Assim como os acessos ao interior do estádio do Maracanã se dão por apenas dois acessos, a saída também se dá desta mesma forma, o que acaba por resultar em uma problemática a ser resolvida, já que as torcidas passam a se misturar para acessar os diferentes meios de transporte.

Outro fato que complexifica ainda mais a questão é a própria existência de “alianças” entre torcidas (fenômeno que ocorre não só na cidade do Rio de Janeiro, ocorrendo também em escala nacional) e que cria redes de solidariedade e apoio entre diversas torcidas, gerando muitas vezes confusão naqueles torcedores que não se filiam às torcidas organizadas e não reconhecem torcidas aliadas. Ora, na cidade do Rio de Janeiro, a Força Jovem Vasco e a Fúria Jovem do Botafogo são aliadas, o que contribui para a diminuição da violência nos jogos entre estas duas equipes. Ao mesmo tempo, a Torcida Jovem do Flamengo e Raça Rubro-Negra, mesmo torcendo para o C. R. Flamengo, são rivais, o que determina uma preocupação ainda maior do torcedor do Flamengo, que passa a se preocupar não apenas com a violência advinda da torcida adversária, como a violência existente entre sua própria torcida. Neste caso, divergências político-ideológicas acabam por estabelecer o conflito entre as torcidas.

Como dito anteriormente, muitas vezes as alianças não são entendidas e interpretadas pelo torcedor “comum”¹⁸, o que acaba por gerar tumultos e a propagação da violência. No dia 12 de abril de 2007, em uma partida entre Vasco e Botafogo pelas semifinais da Taça Rio, torcedores do Vasco passavam entre a torcida do Botafogo com os gritos de “União”. No entanto, latas de alumínio começaram a ser arremessadas e o confronto se espalhou, sendo necessária a intervenção da polícia militar no local. Ora, já no jogo entre os mesmos times pelo campeonato brasileiro, no dia 14 de junho de 2007, na torcida Fúria Jovem do Botafogo tremulava uma bandeira da Força Jovem Vasco, com o mesmo acontecendo no lado oposto, re-afirmando assim a “aliança” entre as duas torcidas. Torna-se evidente que o não reconhecimento por parte de alguns torcedores acerca das alianças feitas entre torcidas organizadas pode vir a levar inclusive à confrontos e que acaba por tornar a questão da territorialidade das torcidas ainda mais complexa.

¹⁸ No presente trabalho, “torcedor comum” é a expressão utilizada para nos referirmos aquele torcedor que não possui vínculo algum com nenhuma torcida organizada.

Como destacado anteriormente, a própria polícia militar e a polícia civil também se fazem presente no entorno do Estádio, possuindo inclusive um Núcleo de Repressão à Violência nos Estádios, e que funciona como unidade de controle e de estratégia sobre o restante do estádio, localizando-se junto do Portão 19 (local de acesso ao anel inferior do estádio). Assim, como já discutido, o espaço passa a receber uma superposição de territórios que passam a se relacionar no tempo e no espaço de diversas formas. No entanto, um estudo mais aprofundado acerca de como as torcidas se utilizam do espaço é necessário para aprofundarmos a discussão acerca das territorialidades das torcidas organizadas no entorno do estádio.

Considerações Finais

Como discutido no decorrer do artigo, percebe-se que as relações entre as torcidas organizadas perpassam a necessidade de auto-afirmação das mesmas em relação ao outro através de inúmeras representações que se fazem presente no espaço e que acabam por culminar até mesmo na própria destruição do patrimônio público. Segundo Monteiro (2003, p.94):

“Parece mesmo haver entre esses torcedores a expectativa ou o desejo de que os preparativos que antecedem uma partida descambem em violência ou confrontos, ficando um sentimento de frustração coletiva quando isso não acontece. Os jogos em que a violência não pode ser exercida por algum motivo, como por exemplo o fato de o clube adversário ter torcidas organizadas reduzidas ou inexpressivas, ficam esvaziados dessa tensão e da expectativa de violência. Há pouca “adrenalina”! Em tais ocasiões é comum os torcedores organizados tomarem como alvo de suas provocações mesmo aqueles que não têm nenhuma identificação com o “inimigo”, como transeuntes, ambulantes e gandulas, apenas para não deixar de haver “zoação” ou para “não perder a viagem””.

Percebe-se a necessidade deste grupo social de afirmar sua identidade e sua presença através da depreciação do outro. Assim, não só outras torcidas organizadas passarão à temê-los, mas também o restante da sociedade que passa a ter conhecimento de seus atos de vandalismo. Assim, este vandalismo contra o patrimônio público visa demonstrar a própria falta de capacidade do Estado de gerir seu próprio território.

Apesar dos seguidos investimentos e da re-organização interna sofrida pelo estádio nos últimos anos, com o objetivo de se adequar às normas da FIFA e portanto, se tornar passível de receber eventos internacionais, a problemática da violência não foi solucionada. Ora, no interior do estádio, a setorização implementadas permitiu a diminuição interna da violência, respaldada assim pela própria criação do Estatuto do Torcedor (lei sancionada pelo Governo Federal em 2003) e que visa proteger os direitos do cidadão enquanto consumidor de um espetáculo. Além disso, foi criada a Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos (Consegue), que possui como objetivo contribuir para a diminuição da violência nos estádios, propondo novas medidas à serem adotadas nos estádios brasileiros e com auxílio da interlocução de diversos órgãos públicos que possuam vínculos com a segurança de eventos futebolísticos.

Filho (2005) demonstra que apenas cerca de 30% das medidas referentes à segurança nos estádios de futebol do Estatuto do Torcedor são aplicadas, o que demonstra por sua vez, a iminente necessidade do cumprimento da lei, vindo inclusive à punir os clubes (e/ou administradores dos estádios brasileiros) caso o Estatuto seja ignorado. O autor ainda demonstra outros artigos que não estão sendo cumpridos quando afirma que:

“Outras determinações do Estatuto do Torcedor que têm sido solenemente ignoradas, com raras exceções, dizem respeito à implantação de sistemas de monitoramento por imagem em estádios com capacidade superior a 20 mil pessoas e à instalação do Juizado Especial Criminal (Jecrim) nas arenas esportivas, durante a realização das competições.”

Torna-se importante frisar que o Estádio do Maracanã foi o primeiro estádio a cumprir o Estatuto do Torcedor, sendo o primeiro estádio também a receber o Juizado Especial Criminal. A instalação deste Juizado (quando completo, possui todo um aparato necessário para o prosseguimento do julgamento, como salas de audiência, de perícia, entre outros equipamentos jurídicos necessários) permite que qualquer ocorrência policial dentro do Estádio seja tratada neste espaço, culminando com a condenação (ou não) do

acusado, dinamizando todo o processo judicial. A pena pode variar de acordo com o crime, inclusive, punindo os infratores com a proibição de freqüentar o estádio durante determinado período.

A instalação do Jecrim nos estádios contribui para a diminuição da violência, além de permitir a própria continuidade da torcida organizada, já que o indivíduo infrator passa a ser punido e não a própria torcida organizada. Em inúmeros estados brasileiros, o poder público estuda extinguir as torcidas organizadas para solucionar a problemática acerca da violência, como em São Paulo, Alagoas e Pernambuco. No entanto, esta medida apenas viria a mascarar o problema, já que os torcedores poderiam se organizar informalmente, dificultando ainda mais a contenção da violência nos estádios brasileiros.

Desta maneira, deve-se pensar que um posicionamento mais presente do Estado nos espaços públicos, sempre atrelado a uma educação voltada para a tolerância mútua e a construção de uma sociedade que resgate os valores coletivos em detrimento dos individuais. A territorialidade das torcidas organizadas no entorno do estádio pretende contribuir para a diminuição da violência, mas reconhecendo-se a necessidade de uma participação mais efetiva do Estado na sociedade.

Referências

BONNEMAISON, J. e CAMBRÈZY, L. Le lien territorial: entre frontières et Identités. Géographies et Cultures (Le Territoire), n° 20. Paris: L' Harmattan, 1996 *apud* HAESBAERT, R., O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 400 p.

COSTA, A. S, Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade In: LOVISARO, Martha e NEVES, Lecy Consuleo (Org.). Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. 120 p.

FIENGO, S. V. El fútbol y las identidades. Prólogo a los estudios latinoamericanos. In: ALABARCES, Pablo (Org.). Futbolologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003. 271p.

FIFA. Laws of the Game 2007/2008. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/affederation/federation/laws%5fof%5fthe%5fgame%5f0708%5f10565.pdf> Acesso em: 29 de mai. 2007.

FILHO, M. A. Quando o torcedor perde de goleada. Jornal da UNICAMP. Ed. 229. São Paulo. 29 de ago. a 4 de set, 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju299pag09.html Aceso em: 28 de mar. 2006.

FOER, F. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. 1. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005. 223p

GARCIA, J. L. Antropología del Territorio. Madri: Taller de Ediciones 1996, *apud* HAESBAERT, R., O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 400 p.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 400 p.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A Bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 244 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e Epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. GEO UERJ. - N.1 Rio de Janeiro, jan. 1997. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~dgeo/geouerj1h/monica.htm> Acesso em: 17 jul. 2005.

MONTEIRO, R. A. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 117p.

PIMENTA, C. A. M. Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003. 271p.

RAMOS, R. Futebol: Ideologia do Poder. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. 111p.

TOLEDO. L. H. Torcidas Organizadas de Futebol. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. 176p.